



OS JOGADORES

Cesar Augusto de Oliveira CASELLA*

*“Como os animais os homens morrem,
e após a morte não há nada.”*
Bertold Bretch

As regras do jogo são simples.

As regras do jogo são invioláveis e do conhecimento de todos.

As regras do jogo são de tácita aceitação.

– Carnais, sejam carnavais tantos desejos. Carnais, sejam carnavais tantos anseios, palpitações e frêmitos e enleios... – Sejam carnavais, carnavais e cada vez mais... Carnais! – Não me incomode! – Humm! Não estou incomodando, estou declamando... – Quietos!... – ...Sejam carnavais todos os sonhos brumos, de estranhos, vagos, estrelados rumos... – Chega! Chega! Não ria, atrapalha o jogo... – Pare de rir, não sei por que rir... apenas tentava lembrar de uns versos simbolistas. – É bem por isso... Os mesmos vícios! Sempre com os mesmos vícios!

Reunidos em torno da mesa, fumam e bebem e jogam cartas.

– Achei-os, os versos, neste livro, escutem: Cróton selvagem, tinhorão lascivo, planta mortal, carnívora, sangrenta, da tua carne báquica rebenta a vermelha explosão de um sangue vivo... – Quietos! Sossega! ...Pare de rir, quero escutar! – Continue... – Nesse lábio mordente e convulsivo, ri, ri risadas de expressão violenta o Amor, trágico e triste, e passa, lenta, a morte, o espasmo gélido, aflitivo... – Acabou?... – Não... Escutem bem... Se não me embargar a voz: Lésbia nervosa, fascinante e doente, cruel e demoníaca serpente das flamejantes atrações do gozo. Dos teus seios acídulos, amargos, fluem capros aromas e os letargos, os ópios de um luar tuberculoso...

Um segundo se passa. E então riem todos. O cheiro, forte, é o de tabaco queimado. Da fumaça de cachimbos e dos cigarros infesta-se a sala de visitas transformada em cassino, o pequeno cômodo esquecido dentro da casa. Há também um outro cheiro, quase subliminar, de álcool, das bebidas já derramadas no feltro da mesa e no tapete ou no chão, e das que ainda aguardam nos copos e canecas e taças. Odor subliminar que realça o odor mais forte.

* Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Traduziu, com Maria Augusta Bastos de Mattos, *Os Quatro Livros da Arquitetura*, de Andrea Palladio (Hucitec, 2008). Organizou *Quando o Riso Rima com o Siso* (Publit, 2008), uma antologia de poemas de humor. E mail: cesarcasella@bol.com.br



– E como sabem que são estes, os versos?... – Eu me lembro, me lembro bem... – E como confiar na tua memória? – E que diferença faz, afinal?... – Toda, toda a diferença... E nenhuma, enfim...

Por instantes ninguém se pronuncia.

– Mais poesia aqui! Esta noite precisa de mais poesia! Leia outro! – Para que todos riam, novamente? – Ou para que as risadas sejam límpidas de sarcasmo... – Ou para que possamos rir risadas com punhais de rígidos sarcasmos! – Sim, sim, ou isto... – É este o verso! É este!

Agora gargalham. Gargalham alto, gargalham muito. Riem alto um riso convulso, um riso de tormenta, um riso primal, ancestral. São gargalhadas atrozes, ferozes, furiosas. Até mesmo, se se pode ir tão além, sanguinolentas.

– Sentimentos carnis, estes que nos agitam em todo o nosso ser e nos tornam convulsivos e compulsivos... – Seria melhor repulsivos... – Ou melhor, sentimentos indômitos que gritam... – Parem! Parem já! Comecem os versos desde o início... – E quem disse que tem início!...

– ...Ou um fim?

Mais gargalhadas. E muito mais bebida, outras bebidas, variegadas bebidas. Outros goles, goles mais atrozes, mais vorazes, mais furiosos, mais sanguinolentos. Então todos erguem seus copos, suas taças ou suas canecas, riem e brindam: – Saúde!

Riem e brindam o próprio brinde. Repetem em uníssono. – Saúde!

– ...Escutem, achei-o: Quisera ser a serpe venenosa que dá-te medo e dá-te pesadelos, para envolver-me, ó Flor maravilhosa, nos flavos turbilhões dos teus cabelos. Quisera ser a serpe veludosa para, enroscada em múltiplos novelos, saltar-te aos seios de fluidez cheirosa e babujá-los e depois mordê-los... – ...Serpente venenosa e veludosa... Lembra-me... – Quietos, preste atenção!... – Escutem: Talvez que o sangue impuro e flamejante do teu lânguido corpo de bacante, da langue ondulação de águas do Reno, estranhamente se purificasse... Pois que um veneno de áspide voraz deve ser morto com igual veneno...

Agora reina um silêncio momentâneo. O odor forte de fumo e álcool continua.

As regras do jogo são simples: uma bala, um revólver e o acaso.

– Serpente venenosa e veludosa... Lembra-me... – Mais versos simbolistas ou serpes tentadoras?... – Outras serpentes?... – Talvez outros lânguidos corpos?... – Lembrou-te dela, com estes meus versos simbolistas?... – ...Estranha serpe venenosa... – Quietos, quietos agora. Joguemos!... – ...Serpe venenosa...



– De quem é a vez?...

Uma espécie de multidão de sussurros invade a sala. Uma vaga informe de sons. Como se pequenos insetos sonoros galgassem as gargantas e saltassem sobre a mesa e dali se espalhassem pelas paredes e fugissem para os outros cômodos da casa. Encheram novamente os copos e as canecas e as taças. Não brindaram, desta vez.

– De quem é a vez?...

– Prefiro estes versos aqui, fazem-me lembrar melhor... – E quem perguntou?... Joguemos, afinal... – Vamos jogar... – ...Não. Leia estes antes. – Joguemos... – Quietos! Leia. – ...Torva, febril, torcicolosamente, numa espiral de elétricos volteios, na cabeça, nos olhos e nos seios fluíam-lhe os venenos da serpente... Ah! Que agonia tenebrosa e ardente! Que convulsões, que lúbricos anseios, quanta volúpia e quantos bamboleios, que brusco e horrível sensualismo quente... – Vamos! Joguemos... – ...O ventre, em pinchos, empinava todo como réptil abjeto sobre o lodo, espolinhando e retorcido em fúria. Era a dança macabra e multiforme de um verme estranho, colossal, enorme, do demônio sangrento da luxúria!

– Perfeita... Perfeita... Uma perfeita descrição dela...

As regras do jogo são simples.

As regras do jogo são invioláveis e do conhecimento de todos.

As regras do jogo são de tácita aceitação.

Cada um dos amigos, por sua vez, encosta o bocal do cano da arma na têmpora e aciona o mecanismo do gatilho.